

# LUCÍOLA, O CONTROLE SOCIAL DA MULHER OITOCENTISTA POR TRÁS DA OBRA DE JOSÉ DE ALENCAR

Renato Possatto Lyra <sup>1</sup>  
Luíza Martins Possatto Lyra <sup>2</sup>

## Resumo

Em busca de compreender a vida da mulher brasileira durante o século XIX, utiliza-se como base a obra 'Lucíola' do escritor José de Alencar para a análise do controle social da mulher oitocentista através do forjamento de uma mulher ideal, estruturada na moralidade, domesticidade, recato e pureza.

**Palavras-chave:** Lucíola – José de Alencar – Controle social.

## Introdução

É decerto que uma obra ficcional não pode atuar como um documento histórico, uma vez que não retrata fielmente acontecimentos ou personagens históricos. Porém, o que não se pode negar é que ela se origina a partir de um contexto e de um autor, logo, esta obra trará marcações de seu tempo, enquadrada pela sua observação há um contexto de uma época.

Tratando mais especificamente da obra em estudo, *Lucíola*, José de Alencar não visa retratar uma obra histórica sobre o Rio de Janeiro, mas sim traçar uma trama da complicada relação entre Lúcia e Paulo. Contudo, ainda é possível perceber semelhanças e inspirações diretas da realidade para o contexto dentro da obra. A obra é marcada pela historicidade do tempo em que foi escrita, e retrata o comportamento e relações pessoais e sociais.

Leonardo Campos (2016) em uma crítica publicada<sup>3</sup> a *Lucíola* de José de Alencar nos apresenta:

<sup>1</sup> Mestre em Ciências Sociais pela PUC de São Paulo.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de História na Universidade Federal do Espírito Santo

<sup>3</sup> Cf. <https://www.planocritico.com/critica-luciola-de-jose-de-alencar/>. Acesso em 11/08/2022

No que tange aos aspectos estruturais, *Lucíola* possui um narrador homodiegético. Ele escreve uma carta para uma senhora, sendo ela uma espécie de interlocutora muda, possível máscara para nós leitores. Ao fazer desse leitor um confidente, acaba por buscar agenciar um pacto de verossimilhança que funciona muito bem (CAMPOS, 2016).

Além disso, as obras podem assumir um teor de idealização. No caso das obras de Alencar, a autora Ana Carolina Soares chega a descrevê-las com um teor pedagógico, ou seja, além de entreter Alencar também buscava criar modelos, verdadeiros guias sociais, que eram voltados principalmente para as mulheres. Em *Lucíola* e em diversas outras obras Alencarianas, como *Senhora* e *Diva*, é possível notar a criação de uma figura de mulher ideal, ou ao menos rotulava-se dessa forma, que mesmo passando por grandes percalços na vida, se mostra como civilizada e feliz, felicidade essa sempre pautada na maternidade e no casamento, cumpridora de todas as suas obrigações e submissa ao seu marido.

Desse modo, neste breve artigo, objetiva-se compreender como José de Alencar acabou por construir a figura de Lúcia como uma mulher modelo para as mulheres brasileiras do século XIX. Busca-se então, como explicitado por Roger Chartier, analisar esse entrelace entre uma História social, das práticas e uma História das representações, dos livros.

## **1. O CONTEXTO POR TRÁS DA OBRA**

Uma vez que uma obra se constrói em sua historicidade, torna-se indispensável observar o autor e sua história de vida, bem como o contexto histórico no qual ele estava inserido quando escreveu a obra, para que assim seja possível realizar uma interpretação pertinente sobre ela.

Então, primeiramente, faz-se necessário revisitar a vida do autor José de Alencar, nascido no dia primeiro de maio de 1829 em Fortaleza. Era filho de um grande senador do Nordeste, logo, tinha grande potencial no cenário político e intelectual do Brasil. Desde criança, sempre teve uma relação muito próxima com a literatura, aos 11 anos o menino José já era encarregado de ler livros para as senhoras vizinhas e amigas de sua mãe, alguns de seus favoritos eram *Amanda e Oscar*, *Saint-Clair das Ilhas* e *Celestina*, romances-folhetins. Também em sua infância e adolescência, Alencar teria tido muito contato com as reuniões políticas que aconteciam frequentemente em sua casa,

presenciando os enredos de acontecimentos como a revolução de 42 e a revolução parlamentar da maioria.

Em 1843, Alencar passou a morar em São Paulo para estudar na Faculdade de Direito, mas ele não deixou seu amor pela literatura de lado, lá conheceu diversos autores pelos quais se fascinara, como o brasileiro Joaquim Manoel de Macedo, assim como alguns estrangeiros, como Balzac, Victor Hugo, entre outros. Seus primeiros escritos teriam começado a ser publicados no ano de 1846, quando participou da fundação de uma revista semanal chamada *Ensaio Literário*. Alguns anos depois, Alencar se tornou redator-chefe do *Diário do Rio de Janeiro*, também trabalhando, na época, no *Correio Mercantil*, onde publicaria muitas de suas obras, como *A Viúva* e *O Guarani*, por volta de 1857.

Soares explica que Alencar afirmava que seu dom e gosto pela escrita romântica teria advindo de sua mãe, do seu modo de ver o mundo, feminino e sensível. Em contraponto, seu lado político, viril e intelectual teria sido herdado do pai. Essa visão excessivamente sexualizada das características humanas pode ter sido moldada por sua exposição desde novo a uma literatura que abusava demasiadamente desses estereótipos, o que acabou por traduzir-se também para a sua literatura.

Desse modo, posteriormente, em 1862, Alencar publicaria seu primeiro romance da série 'Perfis de mulheres', *Lucíola*, seguido de *Diva* e *Senhora*. Essas três obras de Alencar ilustram claramente como o autor transpassava seus valores e ideais para suas obras, condizentes com a tendência de moralização dos costumes da época. Cada uma das obras representa um perfil de mulher da época, ou, pelo menos, um perfil ideal, sempre ligado a uma mulher pura, recatada, mãe e esposa.

Para melhor compreendermos essa questão, devemos observar o contexto no qual as obras se inseriam, com o enfoque para *Lucíola*, que se passa em meados do século XIX, no Rio de Janeiro. O século XIX foi uma época de grandes mudanças para o Brasil, com a vinda da família real portuguesa em 1808, foram grandes as movimentações para o melhoramento do país.

Isso poderia ser principalmente observado no Rio de Janeiro, capital do país na época. De acordo com Gilberto Freyre, em meados do século XIX, a capital já contava com 1.500.000 habitantes. Ali também se encontrava a maior

concentração de fabricantes, das 72 fábricas existentes no Brasil, 52 situavam-se na capital. O Rio de Janeiro também era bem conhecido por suas diversas, e sofisticadas, lojas. Em *Lucíola*, há vários momentos em que a personagem Lúcia visita algumas dessas lojas:

Depois da festa da Glória tinha-a encontrado algumas vezes, mas sem lhe falar. Lembro-me de uma manhã em casa do Desmarais. Lúcia passava, parou na vidraça e entrou para comprar algumas perfumarias; o seu vestido roçara por mim; mas ela não me olhou, nem pareceu ter-me visto. (ALENCAR, 1962, p.17).

A chegada da família real também significou uma mudança nos costumes, inspirados principalmente pelos ingleses e franceses, a elite brasileira transformara, conforme descrito por Gilberto Freyre, não só sua convivência elegante, também suas modas de senhora e seus esportes mais nobres (FREYRE, 1946, p.46). A partir daí cresce fortemente uma ideia de modernização dos costumes, embasada por um discurso de progresso. O que implicava, para as mulheres, uma ideia de higiene não apenas física, mas da alma, aquela ideia da mulher pura e limpa, casta e amorosa. E é justamente através dessas morais que a personagem principal de *Lucíola* se constrói.

## 2. ESTUDO DA OBRA *LUCÍOLA*

De início, é preciso compreender como Alencar construía suas obras, em sua maioria romances, contudo, de acordo com o autor, suas obras estavam numa categoria de realismo<sup>4</sup>, ou seja, o autor estaria retratando ali uma realidade que poderia existir fora da obra. No entanto, ao explorarmos brevemente a obra, veremos algo diferente.

Partindo da ideia de que *Lucíola* seria um perfil ideal de mulher descrito por Alencar, estranha-se, a princípio, a descoberta dela ser uma cortesã. Paulo, narrador-personagem do livro, ao ter conhecimento disso, se mostra descrente, como poderia tão linda e educada moça se rebaixar de tal modo?

Ao vê-la pela primeira vez, Paulo a enxergara apenas como uma moça bonita de alma pura. Porém, ao descobrir sobre o segredo de Lúcia, encontrava-se num limbo de emoções da moça bonita de olhar puro e da cortesã.

---

<sup>4</sup> O Realismo foi um dos principais movimentos artísticos do final do século XIX. Com diversas formas de manifestação, a arte realista teve grande importância tanto na Europa quanto no Brasil. <https://www.portugues.com.br/literatura/realismo.html#:~:text=O%20Realismo%20%C3%A9%20um%20movimento.do%20final%20do%20s%C3%A9culo%20XIX>. Acesso em 11/08/2022

A expressão cândida do rosto e a graciosa modéstia do gesto, ainda mesmo quando os lábios dessa mulher revelavam a cortesã franca e impudente; o contraste inexplicável da palavra e da sionomia, junto à vaga reminiscência do meu espírito, me preocupavam sem querer. (ALENCAR, 1862, p.13).

No desenrolar de toda a trama, Paulo se vê indeciso em perseverar seu relacionamento com Lúcia. Alencar desenvolve uma personagem que parece viajar numa dicotomia, ora agindo como a prostituta que todos conhecem, ora agindo como uma decente menina. A dúvida de Paulo era nutrida pelos outros homens da obra, que apenas viam Lúcia como uma mulher que não queria amor apenas dinheiro. Nesta cena, Paulo chega a perguntar novamente a seu amigo Sá se Lúcia era realmente uma cortesã:

– Tens toda a certeza de que ela seja o que me disseste na Glória? – E esta! Pois duvidas? Vá à casa dela; já te apresentei. – Supunha que fosse apenas uma dessas moças fáceis, a quem contudo é preciso fazer a corte por algum tempo. – O tempo de abrir a carteira. Andas no mundo da lua, Paulo. Queres saber como se faz a corte à Lúcia?... Dando-lhe uma pulseira de brilhante, ou abrindo-lhe um crédito no Wallerstein. (ALENCAR, 1862, p.22).

Soares explica que Alencar faz um jogo de contraposição entre Paulo, o “herói da trama”, e os outros homens da obra. Paulo assume a postura do homem ideal, honesto que vê Lúcia como uma mulher carinhosa e pura, enquanto os outros a veem apenas como um objeto de prazer.

A medida em que Lúcia se aproxima de Paulo, seu comportamento começa a mudar, entre idas e vindas ela esforça-se para deixar de atender outros homens, começa a ser mais caseira e realizar afazeres domésticos, deixa de esbanjar seu dinheiro ‘sujo’, de comprar em lojas caras e de perambular pelas noites da corte. É a sua metamorfose para a mulher ideal e feliz. Isso demonstra como Paulo a mudara, de acordo com o Soares, Lúcia passa a amá-lo então muda para tê-lo. Surge então uma relação de domínio, Paulo passa a dominar as ações de Lúcia, e ela permite, pois assim é feliz.

Ao fim da obra, Lúcia revela a Paulo que está grávida, o que seria o final perfeito para Lúcia, afinal, era o sonho de toda mulher da época, o amor e a maternidade as completava. Mas Alencar não poderia dar um final tão feliz a essa obra, ao fim ao cabo, ainda era a história de uma prostituta. Então, Lúcia, enferma de uma doença que assolava seu coração desde muito antes, morre e leva seu filho junto consigo.

## CONCLUSÃO

Por mais que breves, as situações do livro *Lucíola* aqui descritas nos permitem observar a dinâmica da relação entre Lúcia e Paulo, que começa como uma singela paixão que se desenvolve para um romance estruturado nas posições de poder, Lúcia assume o posto de mulher fraca e indefesa que é salva por Paulo, o homem honesto e amoroso.

A despeito de ser uma ficção, Alencar buscava demonstrar o perfil de mulher esperado e que deveria ser espelhado pelas mulheres da época.

Podemos, então, deixar o seguinte questionamento: poderiam as mulheres daquela época ter voz ativa, expressa seus sentimentos, desejos e anseios? Ou será que deveriam, sempre serem subalternas, pelo estereótipo criado por uma sociedade? Ainda mais no caso de Lúcia, que teve um fim tão trágico, como uma prostituta poderia insurgir-se, diante de situações que sequer teve oportunidade, ou alternativa de escolha?

As mulheres, ao lerem *Lucíola*, deveriam enxergar Lúcia como um modelo. O livro se configurava como um manual moral, que visava moldar as mulheres todas de uma mesma forma, moças educadas, felizes e civilizadas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José de. *Lucíola, um perfil de mulher*. 1862.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, v. 5, p. 173-191, 1991.

FREYRE, Gilberto. **Vida social no Brasil nos meados do século XIX**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. **Moça educada, mulher civilizada, esposa feliz: relações de gênero e história em José de Alencar**. – Bauro, SP: Edusc, 2012.